

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Emerson Marcos de Sá Silva

**RAÇA E ESPAÇO:  
O BAIRRO DOM BOSCO E SUA RELAÇÃO COM A UFJF**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Marcella Beraldo de Oliveira

Juiz de Fora  
2022

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, EMERSON MARCOS DE SÁ SILVA, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772160A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado RAÇA E ESPAÇO: O BAIRRO DOM BOSCO E A RELAÇÃO COM A UFJF, desenvolvido durante o período de 2021/2 a 2022/1 sob a orientação de MARCELLA BERALDO DE OLIVEIRA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 09 de agosto de 2022.

---

Emerson Marcos de Sá Silva

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# RAÇA E ESPAÇO: O BAIRRO DOM BOSCO E A RELAÇÃO COM A UFJF

Emerson Marcos de Sá Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

A discussão em torno das questões espaço e raça tem crescido ao longo dos anos. A análise que será realizada aqui é sobre a relação entre um bairro da cidade de Juiz de Fora chamado Dom Bosco e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O objetivo dessa pesquisa é entender qual a representação social dos moradores do Dom Bosco sobre a UFJF de forma geral, e por outro lado, como a UFJF pensa o Bairro Dom Bosco, proporcionando uma melhor relação entre ambos e avançando no acesso dos mais desfavorecidos. Como problema de pesquisa, pretende-se responder: qual a relação do Bairro Dom Bosco com a Universidade Federal de Juiz de Fora? Para isso, pensei como objetivos específicos: (1) conhecer a história do bairro Dom Bosco; (2) analisar conceitos como quilombo urbano, espaço e territorialidade; (3) entender qual a representação social dos moradores do Dom Bosco sobre a UFJF de forma geral, e por outro lado, como a UFJF pensa o Bairro Dom Bosco. Entretanto, parte-se da hipótese de que as relações entre os objetos de análise dessa pesquisa: o bairro Dom Bosco e a UFJF, de modo geral, são conflituosas. Por representar o pólo intelectual da elite, a participação na UFJF está fora do imaginário coletivo dos moradores do bairro Dom Bosco. Como alternativa a isso, verifica-se a importância do reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo pela sociedade, e também, as ações afirmativas têm sido representadas como forma de ingresso para esse público com grande potencial em alterar sua realidade de apagamento e opressão histórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dom Bosco. Quilombo Urbano. Territorialidade. Universidade Pública.

## 1. INTRODUÇÃO

A discussão em torno das questões espaço e raça tem crescido ao longo dos anos, apesar de ainda ser uma temática marginal, devido a alguns autores que menosprezam a segregação por raça. Alguns debatem a segregação racial determinada pela inserção na classe social, ou seja, a segregação racial existe porque há muitos negros pobres. Porém, a segregação do espaço com base racial não pode ser explicada somente pelo status socioeconômico, pois outros fatores devem ser levados em consideração. No interior dessas discussões, perpassa a condição da representatividade da população negra, seja no mercado de trabalho, na renda, na moradia, seja na escolarização.

A análise que será realizada aqui é sobre a relação entre um bairro da cidade de Juiz de Fora chamado Dom Bosco e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), podendo seguir por muitos caminhos gerando diferentes perspectivas sobre a questão. O bairro Dom Bosco, que posteriormente será tratado com total reverência que lhe é cabível, encontra-se no entorno da UFJF, sendo habitado por negros em sua grande maioria e caracterizado como remanescente quilombola.

Historicamente, a cidade de Juiz de Fora, assim como outras cidades brasileiras, no auge dos ideais higienistas do século XIX, os negros pobres, foram expulsos da parte central, porque aquela área estava em vias de valorização pelo capital. Iniciou-se, então, a política de expulsão das classes pobres através da interferência do Estado. Como foi o caso do bairro Dom Bosco, e, hoje, parte dele é áreas de risco físico, mapeadas pela Defesa Civil de Juiz de Fora e que recebem pouco investimento do poder público, agravando o grau de vulnerabilidade e exposição aos riscos ambientais.

A escolha do Dom Bosco se deu porque o bairro é próximo a UFJF, é um bairro caracterizado por ser um bairro periférico, na qual as condições são de precariedade, habitado predominantemente por

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: emerson.sa@estudante.uff.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Marcella Beraldo de Oliveira.

negros e autodeclarado remanescente quilombola. Além desses fatores, conta com uma motivação pessoal, sou morador do bairro e vivenciei os problemas enfrentados cotidianamente.

Por outro lado, a "Atenas mineira", como era chamada a cidade, possuía um ambiente notadamente propício para receber um centro de cultura, educação e pesquisa. Nesse contexto surge a UFJF. A história da UFJF teve início em 23 de dezembro de 1960, quando o presidente Juscelino Kubitschek sancionou a lei nº 3858, criando, então, uma Universidade Federal para Juiz de Fora.

Por isso, considerando as condições a que está submetida, o papel que desempenha sua relevância e seu significado social, o objetivo dessa pesquisa é entender qual a representação social dos moradores do Dom Bosco sobre a UFJF de forma geral, e por outro lado, como a UFJF pensa o Bairro Dom Bosco, proporcionando uma melhor relação entre ambos e avançando no acesso dos mais desfavorecidos.

Como problema de pesquisa, pretende-se responder: qual a relação do Bairro Dom Bosco com a Universidade Federal de Juiz de Fora?

Para isso, pensei como objetivos específicos: (1) conhecer a história do bairro Dom Bosco; (2) analisar conceitos como quilombo urbano, espaço e territorialidade; (3) entender qual a representação social dos moradores do Dom Bosco sobre a UFJF de forma geral, e por outro lado, como a UFJF pensa o Bairro Dom Bosco.

Parte-se da hipótese de que as relações entre os objetos de análise dessa pesquisa: o bairro Dom Bosco e a UFJF, de modo geral, são conflituosas. Por representar o pólo intelectual da elite, a participação na UFJF está fora do imaginário coletivo dos moradores do bairro Dom Bosco.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma breve pesquisa de campo foi de cunho introdutório, na qual sugeriram que esta discussão precisa ser tratada mais a fundo, quando os temas da territorialidade e acesso de vagas para esse público específico requerem uma ampla análise que demanda ainda mais recursos.

## **2. UFJF E DOM BOSCO**

A UFJF teve seu início em 23 de dezembro de 1960, quando o presidente Juscelino Kubitschek sancionou a lei nº 3858, que tornava federais as cinco faculdades já existentes na cidade – Direito, Farmácia e Odontologia, Engenharia, Medicina e Economia – criando, então, uma Universidade Federal para Juiz de Fora. A "Atenas mineira", como era chamada a cidade, possuía um ambiente notadamente propício para receber um centro de cultura, educação e pesquisa. Neste contexto, a importância da Universidade para o desenvolvimento intelectual é preponderante.

Porém, é um espaço que, há muito tempo, era destinado à "elite". Não é nenhuma novidade afirmar que, ao longo de sua história, a universidade brasileira tem sido objeto de constantes enfrentamentos populares, nos levando a refletir sobre seu papel social. Observando o artigo "Elitização da universidade Brasileira em perspectiva histórica", de Paulino José Orso, encontra-se esse fragmento:

Ao ser criada, Salles Oliveira, (1935, p. 1) afirma: "Dispomos agora de instrumento através do qual se prepararão as nossas elites dirigentes. Daqui continuarão a sair [...] homens que se destinam ao exercício da inteligência aplicada e que constituirão, sobretudo, os grupos de profissionais e do funcionalismo." Mas não era só isso. Tinha presente a intenção de criar "um verdadeiro cérebro, integrando a ciência e a técnica, para forjar uma elite intelectual capaz de orientar todas as classes sociais". "A Universidade de São Paulo", afirmava ele, "é a primeira semente do Brasil novo." (ORSO, 2020. APUD SALLES OLIVEIRA, 1935)

Isso significa que ela não é neutra. Possui um papel social bem definido desde sua criação, que é atender as necessidades da classe dominante. Mas é com as recentes movimentações por democratização no acesso que inspiram avançar nesse âmbito.

É nos últimos anos, com a democratização do Ensino Superior, que a UFJF tem estado empenhada na valorização e ampliação da diversidade de sua comunidade. A busca pela multiplicidade dos atores acadêmicos, principalmente estudantes, foi firmada a partir de 2004 com a aprovação, pelo Conselho Superior (Consu), das resoluções 16/2004 e 05/2005. Essas normativas regulamentaram à época a implantação de uma política de cotas, nos cursos de graduação, para egressos de escolas públicas e negros. As ações afirmativas foram consolidadas em todas as instituições federais de ensino brasileiras pela Leis 12.711/2012 e 13.409/16, que também reservam vagas para indígenas e pessoas com deficiência nesse nível de ensino.

A escolha do Dom Bosco se deu porque o bairro é próximo a UFJF, é um bairro caracterizado por ser um bairro periférico, na qual as condições são de precariedade, habitado predominantemente por negros e autodeclarado remanescente quilombola. Além desses fatores, conta com uma motivação pessoal, sou morador do bairro e vivenciei os problemas enfrentados cotidianamente.

Entender a trajetória de luta e formação do bairro é importante e, para isso, será preciso tratar da cidade de Juiz de Fora, mais especificamente da política habitacional, se referindo à formação do território e a análise de alguns dados disponibilizados pela prefeitura de Juiz de Fora.

Historicamente, a cidade de Juiz de Fora, assim como outras cidades brasileiras, no auge do ideais higienistas do século XIX, os negros pobres, foram expulsos da parte central, porque aquela área estava em vias de valorização pelo capital. Iniciou-se, então, a política de expulsão das classes pobres através da interferência do Estado. Como foi o caso de alguns bairros como Dom Bosco, Santa Rita e São Benedito e, hoje, parte deles são áreas de risco físico, mapeados pela Defesa Civil de Juiz de Fora e que recebem pouco investimento do poder público, agravando o grau de vulnerabilidade e exposição aos riscos ambientais.

O Bairro Dom Bosco surge na década de 1920 com a chegada de operários e negros recém-libertos que não eram absorvidos pelas indústrias têxteis de Juiz de Fora. A saída foi peregrinar rumo à periferia – que aqui possui sentido dual: o primeiro referente à espacialidade e o segundo referente à condição social. Ambos periféricos – formando bairros quase que totalmente negros. A mesma autora aponta a maneira pela qual essa periferização dos negros contribuiu para que os mesmos construíssem sua identidade: “A marginalização dos negros na periferia urbana ou sua concentração em comunidades fechadas nas zonas rurais viabiliza a sua organização a partir de certas instâncias de cultura, como a religião e o lazer.” (OLIVEIRA, M. R., 2000, p. 78).

Entretanto, a luta desses moradores não compreende apenas um lugar para morar, mas também para sobreviver em meio às diversas dificuldades enfrentadas desde o início da chegada dos primeiros moradores, como a falta dos serviços básicos como água e luz. O bairro no início não tinha absolutamente nada a não ser trilha e mato. Com o tempo foram chegando os investimentos públicos e a infraestrutura, porém vale ressaltar que esses serviços não foram conquistados sem tenacidade e perseverança pelos moradores. Mas apesar disso, os moradores enfrentam uma vulnerabilidade tanto no aspecto econômico como ambiental e paralelo a essa realidade no seu entorno é visível os altos investimentos público-privados, como o imobiliário, o econômico e na área da saúde. Podemos considerar o Dom Bosco, ao olhar de fora do bairro, como um lócus segregador, mas que no seu entorno tudo se valoriza, mostrando assim a contradição permanente entre trabalho e capital. É onde o investimento não chega no seu interior, por razões das mais diversas, como a desqualificação da pobreza pelo poder público, que desenvolve política do “pobre para o pobre”, enquanto chega no seu exterior, onde o capital se valoriza permanentemente aumentando a barbárie e agravando a violência simbólica e não simbólica.

Em 2006, o poder público divulgou o diagnóstico social da cidade. Em Juiz de Fora existem cerca de 144 Áreas de Especial Interesse Social (AEIS), distribuídas nas diversas regiões da cidade (Norte, Leste, Sul, Oeste e Centro). As regiões Norte/Noroeste concentram o maior número de moradias precárias, totalizando 3.122, com um crescimento de 41% nos últimos 6 anos; em segundo lugar, vem a região Sudeste, com 2.491. Essas áreas são caracterizadas por moradias subnormais, precariamente atendidas pelos serviços de infraestrutura, saneamento básico, coleta de lixo, luz, água e irregularidade fundiária. Nos últimos seis anos, em Juiz de Fora, o número de submoradias saltou de 8.270 para 13.262, representando um crescimento de 62%. São consideradas subnormais por estarem situadas em locais sem infraestrutura e saneamento básico e a ocupação é irregular, não existindo regularização fundiária.

De acordo com isso, o Plano Municipal de Redução de Risco (PMRR), elaborado pela Defesa Civil em 2007, existem na cidade 42 áreas de risco, e paralelamente ligado a este trabalho, o Serviço Social da Defesa Civil, em 2010, realizou um levantamento Populacional e Étnico nessas áreas. A pesquisa revelou que, em Juiz de Fora, 35.986 pessoas estão sujeitas aos desastres naturais, sendo que desse universo, 70,5% são negras – pretas e pardas – e 29,5% são brancas.

Ana Barreto, em pesquisa de campo realizada no bairro Dom Bosco demonstra que a situação não é diferente. De acordo com a pesquisa de campo nas treze ruas do Bairro Dom Bosco consideradas de risco físico, moram 3.514 pessoas, sendo que 19,3% são brancas e 80,7% são negras - pretas e pardas. A pesquisa se deu com 16 moradores que habitam áreas consideradas de risco físico.

**Perfil Sociodemográfico, valores em frequência.**

<b>Categorias</b>	<b>Categorias</b>	<b>Entrevistados</b>	<b>%</b>
<b>Escolaridade</b>	Analfabeto	2	12,50%
	Fundamental Incompleto	11	68,75%
	Fundamental Completo	1	6,25%
	Médio Incompleto	0	0,00%
	Médio Completo	2	12,50%
	Superior Incompleto	0	0,00%
	Superior Completo	0	0,00%
<b>Ocupação/Profissão</b>	Do Lar	7	43,75%
	Desempregado	2	12,50%
	Formal com carteira	1	6,30%
	Informal	4	25,00%
	Aposentado	2	12,50%
<b>Idade</b>	18-27	1	6,25%
	28-37	7	43,75%
	38-47	3	18,75%
	48-57	0	0,00%
	58-67	5	31,25%
<b>Nº de pessoas no domicílio</b>	0-3	3	18,75%
	4-7	11	68,75%
	8-11	1	6,25%
	12-15	1	6,25%
<b>Renda Familiar</b>	1 SM	4	25,00%
	1 SM e Meio	1	6,25%
	2 SM	3	18,80%
	2 SM e Meio	1	6,25%
	3 SM	1	6,25%
	3 SM e Meio	1	6,25%
	Inferior a 1 SM	4	25,00%

Fonte: Ana Barreto, 2010.

Ainda referente a essa pesquisa, foi encontrado um comentário deveras importante:

“Pequeno quilombo” foi assim que se referiu o senhor Isaías (87 anos), morador do bairro Dom Bosco desde 1932. Relatou que, ao chegar ao bairro, havia uma presença grande de ex-escravos oriundos das fazendas de café (São Mateus e Salvaterra). Conforme esse antigo morador, as casas

eram simples, feitas de sapé, o chão de terra batido e uma única estrada, chamada São Francisco, cortava o morro “Serrinha”, ligando a cidade ao Distrito de São Francisco. A água era de bica e a luz de candeeiro. (ANA BARRETO, 2010. pág, 73)

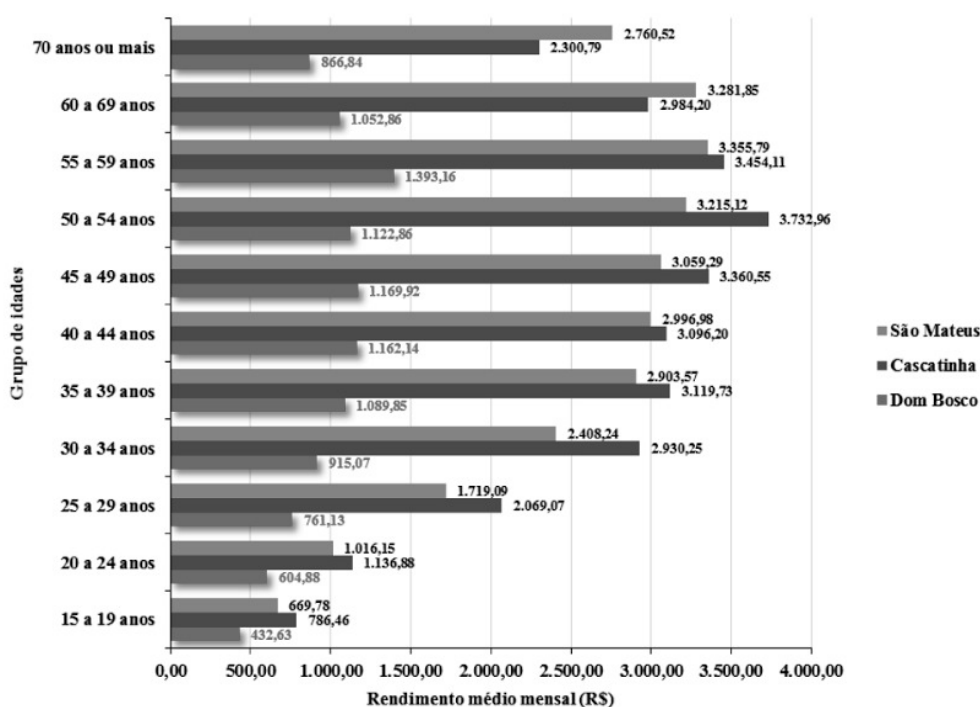
Diante desse fragmento, vemos que o Dom Bosco pode ser categorizado como um remanescente quilombola, termo este que será melhor desenvolvido na próxima seção.

Observando os números que foram apresentados, podemos perceber que a população negra de Juiz de Fora, se encontra numa luta constante se tratando de direitos básicos para reprodução da vida. Por essa razão, Silva (1989), afirma que o problema habitacional está ligado à questão fundiária urbana, uma vez que a excessiva valorização dos terrenos e o crescimento desordenado produzem desequilíbrio na estrutura interna. Entretanto, os diagnósticos levantados pelo Poder Público não trazem essa outra dimensão do território, apenas trazem o lado objetivo, mensurado e medido, desconsiderando o lado subjetivo que aparece de forma concreta através do sofrimento, das expectativas, dos anseios, das formas de resistência e a luta pela sobrevivência.

Por outro lado, em paralelo à realidade do bairro Dom Bosco, no seu entorno estão a UFJF, e os bairros Cascatinha e São Mateus. Esses bairros que margeiam o Dom Bosco são considerados bairros de classe média. São Mateus e Cascatinha, encontram-se entre os bairros mais elitizados da cidade. Nestes bairros a classe média costuma dividir com a elite local as mesmas áreas. Já a Cidade Alta é considerada um dos principais eixos de crescimento da cidade, o que muito se deve à chegada dos condomínios e à expansão da UFJF. Cabe ressaltar que, mesmo com a ampliação da universidade na última década, ela ainda se configura como um meio elitizado.

A grande desigualdade social entre o Dom Bosco e seus bairros adjacentes, pode ser percebida no gráfico seguinte, que apresenta a diferença no rendimento médio mensal da população que habita estes diferentes bairros.

**Comparação entre a renda média mensal, por idade, entre os bairros Dom Bosco, São Mateus e Cascatinha. IBGE 2010.**



Fonte: Gabriel Monteiro, 2014.

A análise da renda média comparada entre esses bairros, não configura por si só desigualdade educacional, pois nada diz sobre a educação. Portanto, ao aprofundar as reflexões sobre os rendimentos conjuntamente com a análise do perfil sociodemográfico descrito anteriormente, verificamos que os moradores do bairro possuem baixa escolaridade, refletindo tanto no acesso a empregos, quanto no rendimento médio. Em consonância com a hipótese na qual este texto se baseia o acesso dos negros pobres a educação superior não é expressa na realidade, ou seja, a educação universitária representada pela UFJF não está no imaginário coletivo do bairro Dom Bosco.

### Empreendimentos próximos ao bairro Dom Bosco



Fonte: Gabriel Monteiro, 2014.

Nessa imagem, observa-se a proximidade entre o Dom Bosco e a UFJF, observa-se também os empreendimentos públicos e privados instalados próximo ao bairro. Considere que o bairro está bem localizado e se encontra na região central de Juiz de Fora. Agora se pergunta: Quais desses empreendimentos são acessíveis aos moradores do Dom Bosco? Quais foram destinados a esse público? não estaria o poder público realizando um tipo de segregação espacial? A UFJF está elencada dentro destes espaços na qual os negros pobres não são destinados a utilizarem, dito que é um espaço elitista e de segregação. O bairro Dom Bosco, é



espremido para dentro de si. Seria esse um processo de gentrificação? O Estado contribui, nesse sentido, com a violência policial, com a desqualificação da pobreza, com a precarização da saúde e da educação.

### 3 QUILOMBO URBANO

Nessa seção, retomo a fala do senhor Isaías, 87 anos, morador do bairro Dom Bosco desde 1932. Quando chegou no bairro, havia grande presença de ex-escravos das fazendas de café (São Mateus e Salvaterra). “Pequeno Quilombo” foi como retratou o lugar, havia casas simples de sapé e chão batido, com água da bica e luz de candeeiro. Era chamado de “Serrinha” e somente uma estrada o cortava ligando a cidade ao distrito de São Francisco (ANA BARRETO, 2010. pág, 73). Motivado por este relato registrado e outros apenas vivenciados, busco aqui trazer conceitualizações acerca do termo quilombo e o que permeia essa discussão.

A construção e o resgate da memória e da identidade dos quilombos é um processo que vem ocorrendo em distintos contextos e situações em que comunidades de remanescentes de quilombos se mobilizam para efetivar o direito assegurado no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988 (O'DWYER, 2007, p.48).

Portanto, houve a necessidade de romper com a imposição de um significado para quilombo que reproduziria ou a legislação repressiva do século XVIII, ou as idealizações de um movimento negro ainda profundamente referido ao modelo palmarino, isso levaria a propor que se reconhecessem as “novas dimensões do significado atual de quilombos”, que têm como pontos de partida situações sociais específicas caracterizadas, sobretudo por instrumentos políticos-organizativos, cuja finalidade fundamental é a garantia da terra e a afirmação de uma identidade própria.

O antropólogo José Arruti, ao fazer uma aproximação do que seria a definição de quilombo, o apresenta como um objeto aberto. Para ele, não é possível falar dos quilombos sem adjetivá-los, seja através da remanescência, ou da tentativa de aproximá-los a contemporâneos ou históricos, ou ainda seja das categorizações como: rurais ou urbanos, agrícola, extrativista ou nômade, etc. Após essa adjetivação, ainda é possível definir o conteúdo de cada termo, já que se trata de uma categoria em disputa. Disputa que é travada entre antropólogos e historiadores, na imprensa, no parlamento e nas decisões judiciais. Tais disputas, que continuam em aberto, fazem com que uma visão sintética do tema e mesmo uma definição de quilombo, tenha que ser construída como a introdução a uma problemática, cujo objeto não “é”, mas sim “está em curso”. O que está em jogo é o quanto de realidade social o conceito será capaz de fazer reconhecer. Qual parcela da realidade ganhará, por meio deste reconhecimento, uma nova realidade, jurídica, política, administrativa e mesmo social (ARRUTI, 2008).

O documento da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) no GT sobre Comunidades Negras Rurais inicia reconhecendo que “ainda que tenha um conteúdo histórico, o [termo ‘quilombo’] vem sendo ressemantizado” pela literatura especializada e pelas entidades da sociedade civil que trabalhavam junto aos “segmentos negros em diferentes contextos e regiões do Brasil”. Partindo de uma definição negativa, em se tratando daquilo que o quilombo não é – eles não se referem a resíduos, não são isolados, não têm sempre origem em movimentos de rebeldia, não se definem pelo número de membros, não fazem uma apropriação individual da terra –, o documento propõe que os quilombos sejam tomados como “grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”, cuja identidade se define por “uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados”.

Nesse sentido, eles constituem “grupos étnicos”, isto é, “um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão”, segundo a definição de Fredrick Barth (ABA, 1994).

Conforme apontado por Santos (2015), as comunidades negras brasileiras, especialmente as rurais, ficaram em grande medida à margem do foco das ciências sociais entre o final do século XIX até a segunda metade do século XX. Partindo do pressuposto de que as condições de vida dos negros em situação rural eram

culturalmente desagregadoras, o que dificultaria a persistência de cultos, ritos, tradições e poucas ocasiões e espaços de interação entre si, e que no meio urbano haveria melhores condições de persistência de traços culturais africanos e maior potencial de formação de identidades étnicas, muitos pesquisadores privilegiaram o estudo do negro nas cidades, discutindo seus aspectos físicos, culturais e suas formas associativas. Enquanto os sociólogos debatiam a integração e a mobilidade social dos negros no contexto urbano e capitalista, a grande maioria dos antropólogos – bebendo da tradição de estudos afro-brasileiros – vai se dedicar à documentação de aspectos da cultura negra (PINHO, 2008).

Para as comunidades quilombolas, o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 1999, p. 8). Entretanto, de acordo com Correa (1998) pode-se identificar um processo de desterritorialização dos povos negros e reterritorialização, a partir da autodefinição, pois, para ele, desterritorialidade é da apropriação e da vivência de um território por processos contraditórios que simplesmente o desfazem. Vale acrescentar que a construção de novas territorialidades ou a re-territorialização é, justamente, a partir da criação de novos territórios através da reconstrução de velhos territórios, mesmo que de forma parcial, em locais distintos do originário, mas que possuam características do velho território, incluindo a possibilidade dos deslocamentos espaciais. Esse processo apontado por Correa é bastante presente no caso das comunidades quilombolas urbanas, incluindo o fato que a possibilidade do deslocamento territorial não muda a identidade étnica do grupo social, possibilitando a reconstrução e reterritorialização no espaço.

O processo de urbanização no final do século XIX e início do século XX marcaram profundamente a re-territorialização da população negra. O “higienismo” surgiu entre os séculos XIX e XX, quando médicos e sanitaristas refletiam sobre sucessivas ocorrências de surtos epidêmicos de algumas doenças, como, por exemplo: febre amarela, tifo, varíola e tuberculose, as quais aumentavam em estatísticas de mortes entre populações urbanas. Tais acontecimentos chamaram a atenção sobre as razões de sua ocorrência, originando-se uma linha de pensamento denominada de higienismo, em que se defendiam padrões sociais e de comportamento em nome da saúde. Porém de certa forma o higienismo, buscando defender o que parecia ser uma ideia de ordem e higiene, tomou uma grande proporção polêmica, pois passou a ser visto por alguns como preconceito ou discriminação, sendo que acreditavam que no conceito de “higienizar”, haveria um sentido oculto de “descartar” o que na visão de alguns não servia para a cidade.

A partir da higienização houve, mais uma vez, a desterritorialização do povo negro. Famílias negras e quilombolas foram expulsas do centro para a margem da cidade. Alguns territórios, no entanto, até os dias de hoje, têm resistido à urbanização no centro, lutando pelo reconhecimento não apenas do estar de corpo presente em uma propriedade, mas pelo reconhecimento de ser passado, presente e futuro sobre um território que constitui sua identidade coletiva, como os territórios quilombolas.

Foram em locais estigmatizados de ocupação da população negra que se desenvolveram a cultura, a resistência social frente ao racismo e às desigualdades enfrentadas e a vivência religiosa, locais esses que hoje estão inseridos no grande centro urbano. Nesse sentido que se desenvolveram os territórios negros, a partir de uma re-territorialização, compatível a ideia de remanescentes quilombolas e, inseridos nesta, a ideia de quilombos urbanos.

Portanto, a questão habitacional é, sobretudo, uma das manifestações da questão social, entendida por Raichelis (2006, p. 17) “como a expressão das desigualdades sociais produzidas e reproduzidas na dinâmica contraditória das relações sociais e, na particularidade atual, a partir das configurações assumidas pelo trabalho e pelo Estado, no atual estágio mundialização do capitalismo contemporâneo”. As consequências da política neoliberal para a área social indicam desresponsabilização do Estado, que passa a garantir o mínimo à população excluída do mercado de trabalho ou inclusa precariamente, através das “políticas compensatórias, focalizadas e seletivas, que visam amenizar o impacto negativo das medidas econômicas de ajuste estrutural – é a política pobre para os pobres” (RAICHELIS 2006, p. 22)

#### 4 ENTREVISTAS

Para esse trabalho, foram realizadas entrevistas com funcionários da UFJF e moradores do bairro Dom Bosco, no intuito de realizar um apanhado de relatos que dizem sobre como veem a relação entre o bairro e a Universidade. Para isso, foram entrevistados 3 moradores distintos – destes, duas são mulheres, com 55 e 30 anos, por representar a maior parte da população periférica, e o outro é homem. Entre os funcionários, também foram 3 entrevistados, já a categorização dada foi por setor de atuação – uma mulher que atua como bibliotecária, e dois homens, um atua da segurança e outro no setor de manutenção.

A entrevista contou com uma base comum para todos os participantes. Partiu da identificação básica como: nome, idade, formação. O nome dos participantes foram alterados nessa pesquisa, para manter a privacidade dos participantes, por outro lado a não identificação garante uma resposta fidedigna. Após, seguimos com as questões, que foram: Você conhece o bairro Dom Bosco? O que é o bairro Dom Bosco?

Segue abaixo a transcrição das entrevistas:

**Entrevista 1** – Conhece o Dom Bosco a bastante tempo através dos moradores que trabalham na uff como terceirizados, seja no setor da segurança, seja no setor de limpeza e manutenção.

O Dom Bosco é mais um bairro entre outros, um bairro comum, apesar dos problemas sociais que enfrentam como sujeitos marginalizados. Por estar próximo da Universidade deveria ter mais áreas de lazer de acesso dos moradores, deveria ser uma extensão do campus . Por ser um bairro numa área nobre de Juiz de Fora, na central, sofre muito com a gentrificação, o mesmo que ocorre nas comunidades da ZS do RJ.

Durante a conversa, me disse que teria sido atacado com tiros pelos meninos do bairro num outro momento em que os assaltos eram frequentes. Porém, não vê isso como a representação da comunidade como um todo, mas um ponto fora da curva. Nesse mesmo sentido, comenta do Baile do Chapadão, no qual se refere como um baile bastante conhecido em toda cidade e que foi frequentado até por pessoas da classe média, ou média alta. E que a questão das drogas é inerente a todas periféricas da cidade.

José, 42, pai, morador do São Benedito, Ensino Superior Incompleto. Atual segurança da guarita no pórtico sul da UFJF, o mais próximo do bairro.

**Entrevista 2** – Não conhece o bairro Dom Bosco, usa como passagem que a leva ao centro, sabendo apenas da sua localização. Não conhece outras ruas fora da passagem principal. Conheceu apenas o Davi do Estofado quando precisou dos seus serviços.

Conhece pessoas que trabalharam na UFJF e que moram no bairro. Não tem grande referência do bairro. Tem a sensação de não ser um bairro central, onde tem uma economia local, as pessoas têm uma relação mais próximas, comparado a uma cidade do interior, um bairro mais familiar. Na qual, faz lembrar do bairro de onde veio a Brasília.

Em relação a seu local de trabalho, nunca teve nenhuma ocorrência relativa ao Dom Bosco, apenas algumas crianças que estudam na escola municipal próxima e que estavam matando aulas, ela lembra de ter ligado pra escola e comunicado a ocorrência a direção. Ficou sabendo do fato de nadarem no lago sem autorização, e que se mostrou contrária à medida de cercamento do lago, questionando se haveria espaço de lazer dentro do bairro.

Ana, 36, mora no Centro, Ensino Superior com Mestrado e Especialização, natural de Brasília, na UFJF há 8 anos.

**Entrevista 3** – Conhece pouco, apenas alguns funcionários que trabalham no mesmo setor. Sabe também dos bailes e da concepção de que outros têm do bairro. Um bairro periférico e com vários problemas sociais que permeiam, na sua visão quem faz a imagem do bairro são as pessoas que o habitam.

Na sua visão, é um ótimo local para morar, pois é um bairro bem localizado. Está na região central da cidade e goza de vários instrumentos públicos. Tem a UFJF na área da educação, tem o Monte Sinai na área da saúde, na área do lazer tem o shopping Independência que está dentro do bairro.

Francisco, 55, mora no bairro Borboleta, completou o primário e trabalha como terceirizada na UFJF no setor de manutenção.

**Entrevista 4** – Nascido e criado no Chapadão, um território de remanescente quilombola, com maioria negra. Um lugar onde se reproduz cultura e lazer. Um local bem localizado, na região central, por conta disso sofre com a perda de espaço, com a valorização imobiliária, um verdadeiro processo de gentrificação. Com a chegada do shopping, o bairro perdeu um de seus instrumentos de lazer – a “Curva do Lacet”. Entretanto a comunidade vem resistindo contra esse movimento a muitos anos, é um lugar onde ocorre a resistência negra a seu modo, alegre, de potencialidades construindo uma luta entre os moradores em prol da cultura, lazer, etc. Para ele o bairro é o lugar onde cresceu, onde está suas raízes, onde está seus familiares e amigos, onde a relação entre os outros é como se fossem parentes com fortes laços e um sentimento de comunidade muito forte.

João, 30, morador do chapadão, está cursando a graduação e trabalha na manutenção do HU.

**Entrevista 5** – Conheceu o bairro através de um projeto da UFJF, na qual é aluna. Desde o primeiro momento viu um ambiente acolhedor, com pessoas alegres e que vivem e trabalham da maneira que podem, se fosse resumir numa palavra diria força, resiliência. A galera mesmo com as adversidades da vida, principalmente no trabalho, às vezes superexplorado, na informalidade, seguem alegres e com sorriso no rosto. Na qual torna-se uma marca registrada do lugar. No entanto, veio morar no bairro a poucos meses, porém já atua a cerca de 4 anos na luta por direitos e reconhecimento junto dos moradores, além de ser um local quilombola é marcado pela contradição, dado o fato dos instrumentos que estão no entorno, como o shopping, o monte sinai e a UFJF, são espaços para servir de mão de obra e não para usufruir dos serviços prestados. O bairro da muita força pela luta contra o sistema, a partir da própria realidade, construindo laços e acolhendo o bairro da maneira que a acolheu tanto e marcou sua vida. Ela espera contribuir tanto quanto foi a contribuição do bairro no momento atual de sua vida.

Maria, 30 anos, mora no chapadão há cerca de 1 ano e atua a cerca de 4 anos no local. É natural de Além Paraíba e estuda na UFJF.

**Entrevista 06** - Nascida e criada no Dom Bosco, estudei na Escola Municipal Álvaro Braga, escola primária do bairro, estudei também na Escola Estadual Dom Orione, antiga escola do bairro que oferecia o ginásio, essa escola acabou e hoje se encontra a Doctum no local, Faculdade Privada. Hoje, vejo muito desenvolvimento na comunidade, com lojas locais e transporte que tem chegado na minha porta. Antes o transporte era muito difícil pois não chegava aqui na parte mais alta, tendo que fazer todo trajeto a pé. Temos o hospital Monte Sinai. Temos a creche, a praça - apesar de não favorecer a crianças do alto Dom Bosco - que foram demandas conquistadas no bairro.

“Eu amo essa comunidade! Cresci brincando muito na rua, com uma infância muito feliz e tranquila.” Para ela, é preciso valorizar muito essa comunidade, pois ao redor estão crescendo muito, os moradores devem se mobilizar para isso.

Joana, 55, nasceu e cresceu no Dom Bosco, estudou até o ginásio, hoje mantém seu comércio no bairro, complementa sua renda com um ponto na feira livre de domingo e com reciclagem.

Logo, podemos observar algumas respostas em comum, que estão em concordância e que acabam se complementando entre si.

Nas respostas dos funcionários sobre o bairro, vemos que são muitos funcionários que moram no bairro, pois em todas respostas houve esse comentário. No entanto, veem o bairro caracteristicamente como bairro periférico e que possui problemas sociais, mas que deveria ter mais acesso a lazer e cultura por estar ao lado da UFJF; em consonância, foi tratado da economia solidária, que as pessoas tem certa relação de parentesco, esta forma de organização é comumente visto nas periferias. Ainda sobre o bairro, falou-se na entrevista 3, da sua localização na cidade e os serviços no entorno, cabe a discussão se é acessível ou não aos moradores. Por fim, podemos salientar que é lamentável a questão da violência apresentada na entrevista 1, mas que medidas baseadas em lazer, cultura e educação resolveriam esse problema.

Por parte dos moradores, observa-se uma relação de pertencimento é grande, perceptível em todas as entrevistas. Também expressaram a carência de serviços e a perda de território, como foi o caso da “Curva do Lacet”, com a construção do shopping foi removido o campo de futebol utilizado principalmente pelos moradores do Dom Bosco. Entretanto, observamos em duas entrevistas os comentários acerca da remanescente quilombola e da resistência que representam, travando uma luta pelo espaço que habitam e por serviços necessários a reprodução digna da vida.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao iniciar o trabalho de pesquisa, se observou que era importante tratar da função da universidade pública e a situação dos remanescentes quilombolas no bairro Dom Bosco, localizado no entorno da UFJF.

Para isso, foi tratado do objetivo desta pesquisa que é entender qual a representação social dos moradores do Dom Bosco sobre a UFJF de forma geral, e por outro lado, como a UFJF pensa o Bairro Dom Bosco, na qual foi introduzida no decorrer do texto.

Já os objetivos específicos, que foram: (1) conhecer a história do bairro Dom Bosco, apresentados na segunda seção; (2) analisar conceitos como quilombo urbano, espaço e territorialidade; no decorrer da terceira seção; e por fim, (3) entender qual a representação social dos moradores do Dom Bosco sobre a UFJF de forma geral, e por outro lado, como a UFJF pensa o Bairro Dom Bosco, que foi atendido na quarta seção com as respostas dos entrevistados.

Partiu da hipótese de que as relações entre os objetos de análise dessa pesquisa: o Dom Bosco e a UFJF, de modo geral, são conflituosas. Por representar o pólo intelectual da elite, a participação na UFJF está fora do imaginário coletivo dos moradores do bairro Dom Bosco, por se tratar de um povo historicamente explorado, na qual foi confirmada com as pesquisas bibliográficas sobre o bairro (nos trabalhos de Ana Barreto e Gabriel Monteiro) e em algumas respostas nas entrevistas na quarta seção.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma breve pesquisa de campo, na qual sugeriram que este trabalho precisa ser tratado a fundo, quando os temas da territorialidade e acesso de vagas para esse público específico requerem uma ampla análise que demanda ainda mais recursos.

Como alternativa a isso, verifica-se a importância do reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo pela sociedade, e também, as ações afirmativas têm sido representadas como forma de ingresso para esse público com grande potencial em alterar sua realidade de apagamento e opressão histórica. “Até o presente momento, nenhuma outra medida que trabalhe a distribuição de bens reservados à elite branca foi apresentada”. (Soares, 2007 p.98) Não que o acesso ao ensino superior vá romper as correntes do racismo, mas que irão proporcionar novas perspectivas.

Por fim, recomendo as análises de Milton Santos (1999), Ana Barreto (2019), Gabriel Monteiro (2014) e Arruti (2018) entre outros sobre a questão quilombola, a territorialidade, ocasionando uma melhor descrição da realidade do público envolvido. Em relação a ações afirmativas e as políticas de cotas, recomenda-se a leitura das dissertações de Ana Cristina Soares e Lucas Loureiro, ambas pela UFJF.

## REFERENCIAS

ABA (Rio de Janeiro). **DOCUMENTO DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE COMUNIDADES NEGRAS RURAIS**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1994. 3 p. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/03D00024.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2022.

ARRUTI, José Maurício Andion. **Relatório antropológico de reconhecimento territorial da comunidade quilombola de Cabral**: município de Parati-RJ. Rio de Janeiro: Incra, 2008.

BARRETO, Ana Claudia de Jesus. **O lugar dos negros pobres na cidade**: estudo na área de risco do bairro Dom Bosco. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

\_\_\_\_\_. **DESIGUALDADES SÓCIO-RACIAIS E SEGREGAÇÃO URBANA: ESTUDO DE CASO ANA CLÁUDIA DE JESUS BARRETO**. SAPIENS - Revista de divulgação Científica, [S. l.], v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/view/3438>. Acesso em: 9 jul. 2022

CORREA, Mario Roberto Weyne. **Quilombos urbanos em Porto Alegre**: uma abordagem histórica da titulação do quilombo da Família Silva [2003 – 2007]. LUME UFRGS. Porto Alegre, 2010.

HISTÓRIA - UFJF 60 anos. Disponível em:

<<https://www2.ufjf.br/60anos/historia/#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20da%20UFJF%20teve,Federal%20para%20Juiz%20de%20Fora>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

LEITE, Lucas Loureiro. **Ações afirmativas para negros na universidade pública na contemporaneidade**: debates sobre identidades raciais a partir das denúncias de fraude nas cotas.. 2020. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

MONTEIRO, Gabriel Lima. **“Tinha uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra”**. O bairro Dom Bosco: uma longa vida comunitária e seus desafios frente ao avanço do capital imobiliário. 2014. 224 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Terras de Quilombo**: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento. São Cristóvão-SE: Tomo, no11, 2007.

OLIVEIRA, M. R. **Famílias solidárias e desafios urbanos**: os negros em Juiz de Fora. In: BORGES, C. M. (Org.). Solidariedades e conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 2000. p. 53-87

ORSO, Paulino José. **Elitização da universidade brasileira em perspectiva histórica**. Roteiro, Joaçaba, v. 45, e22156, jan. 2020

PINHO, Osmundo Araújo. Introdução. In: SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araújo (org.). **Raça**: novas perspectivas antropológicas. Salvador: EDUFBA, 2008.

RAICHELIS, Raquel. **Gestão Pública e a questão na grande cidade**. Artigo do 1º Relatório Científico da Pesquisa Temática Gestão Pública e Inserção Internacional das Cidades. São Paulo: Lua Nova, 2006, p. 14-48.

SANTOS, Carlos Alexandre Plínio dos. **As comunidades negras rurais nas ciências sociais no Brasil**: de Nina Rodrigues à era dos programas de pós-graduação em antropologia. Anuário Antropológico, Brasília, DF, v. 40, n. 1, p. 75-106, 2015

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. GEOgraphia, Rio de Janeiro, Ano 1. n. 1, p. 7-13, 1999.

SOARES, Ana Cristina Costa. **Ações afirmativas e o acesso ao ensino Superior**: um estudo de caso da uffj. 2007. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.